

Trabalho e técnica na sociedade pornográfica

WELLINGTON LIMA AMORIM*

EVERALDO DA SILVA**

Resumo: Este ensaio pretende apresentar o **conceito** de sociedade pornográfica, a partir do filósofo sul-coreano: Byung-chul Han. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica. É importante ressaltar que no atual estágio desenvolvimentista da sociedade contemporânea a positividade tem total proeminência diante do negativo, e os conceitos de trabalho, técnica e ciência não podem mais serem pensados isoladamente: estamos dentro de um novo paradigma, não dicotômico, dominado pelo *trabalho-técnico-científico*. É importante ressaltar que esta absolutização do real consiste na possível conclusão do processo iluminista do século XVIII. E por isso, a metáfora da luz, do explícito, de se abrir as pregas, *explicare*, contém o elemento sádico necessário para se compreender a modernidade, que tem como projeto principal jogar luz sobre a escuridão, explicitar, desvelar, retirar o véu, colocar a nú a própria condição humana, onde a transparência total do real acaba nos introduzir em uma sociedade pornográfica, onde não há mais espaço para a subjetividade ou privacidade humana.

Palavras-chave: Trabalho e Técnica; Sociedade Pornográfica; Byung-chul Han; Privacidade humana.

Work and technique in pornographic society

Abstract: This essay intends to present the concept of pornographic society, from the South Korean philosopher: Byung-chul Han. This is a bibliographical research. It is important to emphasize that in the current developmental stage of contemporary society positivity has full prominence in the face of the negative, and the concepts of work, technique and science can no longer be thought in isolation: we are within a new paradigm, not dichotomous, technical-scientific. It is important to emphasize that this absolutization of the real consists in the possible conclusion of the Enlightenment process of the eighteenth century. And so the metaphor of light, of the explicit, of opening the folds, will explain, contains the sadistic element necessary to understand modernity, whose main project is to throw light on the darkness, to explain, to unveil, to remove the veil, to put the very human condition in the place where the total transparency of the real ends up introducing us into a pornographic society where there is no more space for human subjectivity or privacy.

Key words: Work and Technique; Pornographic Society; Byung-chul Han; Human privacy.



* WELLINGTON LIMA AMORIM é Filósofo, Doutor em Ciências Humanas (UFSC) e docente na Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com



** EVERALDO DA SILVA é Cientista Social, Doutor em Sociologia Política (UFSC). E-mail: prof.evesilva@gmail.com

1. Introdução

Este ensaio tem a pretensão de analisar o conceito de trabalho e técnica e as suas diversas consequências geradas por uma sociedade que se move a partir do conceito de positividade, elemento central que perpassa tanto o trabalho quanto a técnica na modernidade.

Uma das exigências da contemporaneidade é a exigência de transparência. Ela permeia o discurso público e privado na atualidade. Ao contrário da antiguidade, espaço público e privado eram considerados distintos. Igualdade entre os indivíduos era somente para aqueles que eram considerados cidadãos, nascidos em Atenas, homens e com a maioridade, todos os demais, crianças, mulheres e estrangeiros (*metecos*) não tinham o direito a participação política e não eram considerados cidadãos. A ágora era o único lugar onde se era possível ser explícito. Sendo respeitada a obscuridade e sombra, ou ainda, a nebulosidade no espaço privado. Mesmo os deuses, seu território de atuação e presença, somente se davam no espaço público.

Todavia, uma mudança radical ocorreria com o surgimento do pensamento judaico-cristão. Na antiguidade greco-romana o mundo era encantado, deuses e homens caminhavam lado a lado. De acordo com esta perspectiva, o Deus único, onipresente no espaço público e privado, coloca luz sob a vida no *oikos* e passa a legislar naquele espaço que antes era dominado pelo poder do pai: *pátria potestas*. A filosofia cristã exige transparência, luminosidade na vida privada, antes obscura e impenetrável. Desde então, a transparência passou a ser exigida não somente no espaço público, mas também no espaço privado, regulando costumes e

comportamentos devido à positividade do Deus cristão.

Na modernidade, o desaparecimento gradual da centralidade do Deus cristão, fez com que a razão passasse a ocupar seu espaço, exigindo luminosidade sobre todos os cantos escuros que a vida privada possa a ter: “Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vais se desconstruindo cada vez mais a negatividade em nome da positividade”. (HAN, 2017, p.9). Isto se chama iluminismo. É neste sentido que se pode dizer que o movimento iluminista é pornográfico. Para isto é preciso definir: o que é isto – a pornografia? O discurso da pornografia é extremamente transgressivo, busca a máxima visibilidade, consiste em jogar luz sobre tudo o que está fora de cena, ou melhor, obscuro, ele exige o direito de mostrar, explicitar, colocar tudo nú, exigindo que todos testemunhem diante de seus olhos a verdade do homem:

Para além da prática a qual ela remete, a obscenidade exige testemunhas, uma presença exterior exigida, uma exibição, uma espécie de encenação destinada a tornar particular sua percepção por um olhar exterior convidado, certamente, mas que permanece estranho. Ela pode ser relacionada com o teatro, do qual deriva em muitos aspectos. (GOULEMOT, 1991, p.127).

E ainda: “a atividade sexual que é mostrada deve, de uma maneira ou de outra, ser espetacular”. (MAINGUENEAU, 2010, p. 40). Quem pode duvidar de que a modernidade inaugura e se consolida a partir de movimentos espetaculares? Exibindo de forma explícita corpos enfileirados e profanados? Não há como negar como é espetacular a produção em série realizada pelo fordismo no século XIX e

a esteira de defuntos nos campos de concentração de Auschwitz:

No Terror, sob a Revolução Francesa, 10 mil vítimas pereceram. Entre maio e junho de 1793, mas de 1,3 mil pessoas foram guilhotinadas. Sob o nazismo, mas de 1,3 milhão de judeus foram executados por meio de fuzilamentos e tiros na nuca” (...) prisioneiros “eram infectados com gangrena, com tifo, alvejados com balas de veneno, forçados a saciar a sede com água salgada. Para serem enviados às câmeras de gás e crematórios”. (PINHEIRO, 2001, p. 192).

Se a pornografia exige espetacularização. A modernidade é em si mesma um movimento pornográfico, pois exige o “entendimento sem a direção de outrem”, isto é o sujeito burguês liberto de toda tutela” (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 75). O princípio central da modernidade é a positividade/atividade constante e ininterrupta. Para que este empreendimento tivesse sucesso, a razão moderna buscou colocar a nú toda e qualquer forma de figura que se apresentasse obscura ou subjetiva, se fez necessário, profanar e liberar o homem de qualquer influência da superstição popular ou da religião do antigo regime. A luta que se seguiu foi entre sádicos e masoquistas, reacionários românticos que se expressaram no maniqueísmo dos contrarrevolucionários católicos e esclarecidos.

Se a grande Filosofia, representada por Leibniz e Hegel, descobrira também uma pretensão de verdade nas manifestações subjetivas e objetivas que ainda não são pensamentos (ou seja, em sentimentos, instituições, obras de arte), o irracionalismo de seu lado isola o sentimento, assim como a

religião e a arte, de tudo o que merece o nome de conhecimento, e nisso como em outras coisas revela seu parentesco com o positivismo moderno, a escória do esclarecimento. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 78).

Para Sade (2006), o esclarecimento é o longo e interminável processo de destruição e construção civilizacional, um progresso que se autodesenvolve-se por etapas, uma arquitetura onde a atividade é intensa, sem ociosidade ou inatividade, uma odisseia do espírito que parte do mais primitivo a magia, do matriarcado ao patriarcado, politeísmo ao monoteísmo, substituindo antigas mitologias por novas, sempre buscando com isso a objetividade, fundamentação última da realidade que a luz da razão seria capaz de fornecer. Como consequência tudo tem a tendência a ser tornar transparente, raso, plano e operacional, tudo é fruto do cálculo e controle, em um tempo presentificado, sem grandes dramatizações ou capacidade interpretativa, enfim: pornográficas. O trabalho do espírito na modernidade iguala tudo, homogeneiza, passando a ser precificado, onde a transparência coage a tudo e a todos, exigindo aceleração e modificação sistêmica da vida social:

A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual. (BYUNG, 2017, p. 11).

O totalitarismo na modernidade se apresenta na imposição da homogeneização e quantificação dos

corpos, transparentes e expostos, sem ambivalências. Logo, é um mundo de informações obscenas, não havendo mais espaço para o conhecimento ou a paciência necessária a reflexão espontânea do ser humano, onde o mesmo somente pode ser concebido como simples funcionalidade. No entanto: “Só a máquina é transparente; a espontaneidade – capacidade de fazer acontecer – e a liberdade, que perfazem com tal a vida, não admitem transparência”. (BYUNG, 2017, p. 13). A vida privada é exposta nas redes na busca desesperada através de um fluxo comunicativo de total transparência.

O tipo ideal na contemporaneidade é a Juliette, a heroína de Sade. Ela é pedagogicamente formada para recusar a qualquer forma de superstição que seja proveniente do pensamento judaico cristão. Exige a exposição, explicitação. A vida da personagem é o exemplo máximo daquele que rasga todos os contratos que fundamenta a civilização ocidental, seu instrumento é o sacrilégio e a bestialidade, a consequência deste ato se expressa na profanação: “o gosto intelectual pela regressão, amor intelectualis diaboli, o prazer de derrotar a civilização com suas próprias armas”. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 81). A vida passa a ser exigência de apatia, indiferença, uma sabedoria estoica e demonstrativa que normaliza a nudez e a desinibição. Qualquer espaço protegido pela discrição é profanado, jogado luz sobre, conquistado e saqueado. Esta indiferença e apatia é a principal característica da modernidade sádica.

É na obra 120 dias em Sodoma (2006) que Sade demonstra um projeto onde a vida é sistemático-demonstrativa, sempre em um tom professoral e acadêmico, ele apresenta, a partir da faculdade de demonstração, que seu

raciocínio é um ato de violência, sempre com rigor, serenidade, calma, que nos coloca diante da onipotência e da perfeita solidão que somente a razão é capaz de proporcionar. O que quer o sádico? Afastar qualquer forma de desamparo que possamos vir a ter diante das contingências da vida. Desde que nascemos se experimenta a sensação de ser lançado ao mundo, que se expressa nas marcas deixadas no corpo e pela carbonização da alma e no *burnout psíquico* que se experimenta diariamente.

A frustração e o desamparo surgem na mesma tenra idade. Na separação entre a mãe e o filho e com a presença da lei que o pai invoca. Da mesma forma que o Pai, no exercício legal de suas funções divinas, expulsa Lúcifer do paraíso, ele (o filho) decai, experimentando a exclusão, sendo constrangido a estar só. Deus é sádico, indiferente, apático ao sofrimento de Lúcifer, seu filho que perdeu sua integralidade, unicidade, comunhão, enfim, se fez homem. Da mesma forma que ao nascer somos jogados em um mundo que se expressa ou se desenvolve, a partir de princípios opostos e ambivalentes, que se interpenetram, longe da segurança oferecida intrauterinamente. Não existe nascimento ou amadurecimento sem sofrimento, que precisa ser superado e guardado, *Aufheben*, em uma consciência infeliz.

Este é o desejo estoico que se expressa na certeza da consciência de si em Hegel, e na exigência de contenção dos seus desejos. É a expressão do desejo contido e recalcado que não exige mais reconhecimento, de Deus, grande Pai, ou do outro, que está diante de si. O sádico inaugura uma guerra contra qualquer dispositivo que venha se colocar como substituto da lei e busca viver sem a necessidade psicológica de

colocar algo no lugar simbólico do Pai. Daí porque Freud (2013) irá dizer que Deus e as religiões são ilusões criadas pelo ser humano para suprir a necessidade psicológica do desamparo. Legendre (1983, p. 88) mostrará, por exemplo, como o Estado e o juiz ocupam o vazio do corpo psíquico deixado pelo Pai fundador, sempre ausente:

Do homem primeiro canta, empírea
Musa,
A rebeldia – e o fruto, que, vedado,
Com seu mortal sabor nos trouxe
ao Mundo
A morte e todo o mal na perda do
Éden,
Até que Homem maior pôde remir-
nos
E a dita celestial dar-nos de novo.

Do Orebe ou do Sinai no oculto
cimo
Estarás tu, que ali auxílios deste
Ao pastor que primeiro aos
escolhidos
Ensinou como do confuso Caos
Se ergueram no princípio o Céu e a
Terra?
Ou mais te agrada Sião e a clara
Síloe
Que mana ao pé do oráculo do
Eterno?
Lá donde estás, invoco o teu
socorro
Para este canto meu que hoje
aventuro,
Decidido a galgar com voo inteiro
Muito por cima da montanha
Aônia,
De assuntos ocupado que inda o
Mundo
Tratados não ouviu em prosa ou
verso.

E tu mais que ela, Espírito inefável,
Que aos templos mais magníficos
preferes
Morar num coração singelo e justo,
Instrui-me porque nada se te
encobre.
Desde o princípio a tudo estás

presente:
Qual pomba, abrindo as asas
poderosas,
Pairaste sobre a vastidão do
Abismo
E com almo portento o fecundaste:
Da minha mente a escuridão
dissipa,
Minha fraqueza eleva, ampara,
esteia,
Para eu poder, de tal assunto ao
nível,
Justificar o proceder do Eterno
E demonstrar a Providência aos
homens.

Dize primeiro, tu que observas tudo
No Céu sublime, no profundo
Inferno,
Dize primeiro a causa irresistível
Que mover pôde os pais da prole
humana,
Em tão próspera sina, ao Céu tão
caros,
A apostatar de Deus que o ser lhes
dera
E a transgredir a lei que lhes ditara,
Sendo só num objeto restringidos,
No mais senhores do universo
Mundo:
Quem lhes urdiu a sedução
malvada
Que os lançou em tão feia rebeldia?
O Dragão infernal. Com torpe
engano,
Por inveja e vinganças instigado,

Ele iludiu a mãe da humana prole,
Lá depois que seu ímpeto soberbo
O expulsara dos Céus coa imensa
turba
Dos rebelados anjos, seus
consócios.

Confiado num exército tamanho,
Aspirando no Empíreo a ter assento
De seus iguais acima, destinara
Ombrear com Deus, se Deus se lhe
opusesse,
E com tal ambição, com tal insânia,
Do Onipotente contra o Império e
trono
Fez audaz e ímpio guerra, deu
batalhas.

Mas da altura da abóbada celeste
Deus, coa mão cheia de fulmíneos
dardos,
O arrojou de cabeça ao fundo
Abismo,
Mar lúgubre de ruínas insondável,
A fim que atormentado ali vivesse
Com grilhões de diamante e intenso
fogo
O que ousou desafiar em campo o
Eterno.

Pelo espaço que abrange no orbe
humano
Nove vezes o dia e nove a noite,
Ele com sua multidão horrenda,
A cair estiveram derrotados
Apesar de imortais, e confundidos
Rolaram nos cachões de um mar de
fogo.
Sua condenação, porém, o guarda
Para mais fero horror: e vendo
agora
Perdida a glória, perenal a pena,
Este duplo prospecto na alma o
punge (MILTON, 2014, p.3).

Enfim, a violência na obra de Sade (2006) tem a função de criar uma defesa físico-psíquica em relação ao sofrimento e o desamparo:

[...] o elemento impessoal do sadismo e identifica essa violência impessoal com uma idéia da razão pura... É a famosa apatia do libertino, o sangue-frio do pornologista que Sade opõe ao deplorável “entusiasmo” do pornográfico. O entusiasmo é precisamente o que ele critica em Rétif de La Bretonne; ele não deixa de ter razão ao dizer (como sempre insistiu em suas justificativas públicas) que ele, Sade, pelo menos nunca mostrou o vício sob forma agradável nem alegre: mostrou-o apático. (DELEUZE, 2009, p. 22-30-31).

O que está em jogo no pensamento de Sade é olhar e imergir na mais pura negatividade. Se por um lado, o negativo ou a contradição, pode se

assumir como processo, por outro, seu projeto é se fundir com o negativo que se apresenta como a mais pura contradição, onde a desordem é apenas outro lugar, onde possui uma nova ordem e leis próprias. Atingir tal estágio do negativo somente pode se dar afirmando a máxima positividade: “Por isso a natureza original é, necessariamente, objeto de uma Ideia, sendo a pura negação um delírio, mas um delírio da razão como tal. O racionalismo não está absolutamente “cravado” na obra de Sade; ele precisou ir até a ideia de um delírio próprio da razão”. (DELEUZE, 2009, p. 28-29). Se estivermos corretos nesta especulação, na modernidade este projeto somente é possível porque se realiza através do conceito de saber e desenvolvimento do espírito que busca a universalidade. A heroína de Sade representa o desenvolvimento moderno na expressão da técnica e Ciência que se move sem se importar com o sofrimento humano. Sua crença é a Ciência. Seu meio uma razão demonstrativa que se move através da lógica, coerência, o princípio da não-contradição, e que se expressa na mais moderna e nova administração que surgirá no século XIX denominada positivismo: ordem e progresso. E para que este processo desenvolvimentista atinja seu objetivo é preciso evocar um perfil funcionalista, transparente, apático, indiferente, frio e cruel diante do sofrer do outro. E por isso Nietzsche:

celebra os poderosos e sua crueldade exercida “para fora, onde começa a terra alheia”, quer dizer, perante tudo o que não pertence a eles próprios. “Eles gozam aí da liberdade de toda coerção social, eles buscam nas regiões selvagens uma compensação para a tensão provocada por um longo encerramento e clausura na paz da comunidade, eles retornam à

inocência moral do animal de rapina, como monstros a se rejubilar, talvez saindo de uma série horrorosa de assassinatos, incêndios, estupros, torturas, com a insolência e a serenidade de quem cometeu apenas uma travessura de estudantes convencidos de que os poetas terão agora e por muito tempo algo a cantar e celebrar... Essa audácia de raças nobres, louca, absurda, súbita, tal como exprime, o próprio caráter imprevisível e improvável de seus empreendimentos... sua indiferença e desprezo por segurança, corpo, vida, conforto, sua terrível jovialidade e a profundidade do prazer em destruir, do prazer que se tira de todas as volúpias da vitória e da crueldade” essa audácia que Nietzsche proclama, também arrebatou Juliette. “Viver perigosamente” é também sua mensagem: “ousar tudo doravante sem medo. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 83)

Uma sociedade com máxima positividade é uma sociedade infeliz! Uma vez que a felicidade provém do vocábulo oco, ou ainda, fortuna. Enfim, uma sociedade que não admite a fortuna, contingência ou a negatividade é uma sociedade que não pressupõe a felicidade. E neste sentido que o trabalho, Ciência e a técnica moderna, não é causa, mas um fim do longo processo de racionalização que não dá espaço para a negatividade e a contingência. E por isso na

modernidade a sociedade é inimiga do prazer, uma vez que se recusa ao mistério, véu, ocultação. A coação pornográfica destrói qualquer capacidade de sedução e tudo vira procedimentos e funcionalidades fonte de sofrimento psíquico.

Referências

- ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **SACHER-MASOCH: o frio e o cruel**. Zahar. 2009.
- FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- HAN. Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes. 2017.
- GOULEMOT, J. M. **Prefácio, in Cahiers d'histoire culturelle**, nº5, p.5.
- LEGENDRE, Pierre. **O Amor do Censor: ensaio sobre a ordem dogmática**. Tradução Aluísio Pereira Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Colégio Freudiano, 1983.
- MAINGUENEAU. Dominique. **O discurso pornográfico**. Editora Parábola. 2010.
- MILTON, John. **Paraíso Reconquistado**. Tradução de Guilherme Gontijo Flores, Adriano Scandolara, Bianca Davanzo, Rodrigo Tadeu Gonçalves, Vinicius Ferreira Barth; ilustrações de William Blake. São Paulo: Cultura, 2014.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Estado e Terror. Ética**. Companhia das Letras. 2001.

Recebido em 2018-10-16
Publicado em 2018-12-06